



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A teoria moral de Mackie: uma defesa contra Dworkin
Autor	RAPHAEL OLIVIER MARIE CORREA GUILLIER DE CHALVRON
Orientador	PAULO BAPTISTA CARUSO MACDONALD

A teoria moral de Mackie: uma defesa contra Dworkin

Autor: Raphaël Olivier Marie Corrêa Guillier de Chalvron

Orientador: Paulo Baptista Caruso MacDonald

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O presente trabalho busca reconstruir a teoria do erro moral de J. L. Mackie a partir do seu “argumento a partir da estranheza” (*argument from queerness*) e assim defender seu ceticismo moral frente ao realismo, principalmente da crítica de Ronald Dworkin que tenta excluir essa posição *a priori*.

Mackie inicia seu livro *Ethics: Inventing Right and Wrong* afirmando que “não existem valores objetivos”. Ele procura negar a possibilidade de uma característica prescritiva e ao mesmo tempo objetiva - nada podendo então ser caracterizado objetivamente como bom ou como um dever. Constata a estranheza de “valores objetivos” usando a lei de Hume, já que não poderiam ser demonstrados pela lógica ordinária, seriam então qualidades de um tipo diferente de qualquer outra. Já Dworkin tenta fazer uso da lei de Hume para negar a possibilidade de um ceticismo externo: somente uma afirmação moral substancial poderia fazer frente a outra, somente a filosofia moral poderia explicar nossas tentativas de justificação, e somente fatos morais poderiam ser seu resultado, os quais constituiriam as razões para nossas crenças morais. A posição de Mackie sobreviveria a essa crítica pois não faz afirmação moral alguma – ele não tenta derivar a falsidade de um valor a partir de um fato, mas argumenta que “valores objetivos” não seriam propriedades do mundo (é um argumento meta-ético que contrariaria a afirmação meta-ética de objetividade e não repercute para negação de uma afirmação moral específica, não é uma afirmação moral substantiva que Dworkin afirma ser a única possibilidade disponível), mas resultado de uma “grande propensão a se espalhar pelos objetos externos” (Hume no *Treatise on Human Nature*, I i 14). A moral corresponderia então aos sentimentos de aprovação e desaprovação, as obrigações surgiriam a partir do aval à instituição - mas tenta explicar nossas justificativas pelas estratégias (incluindo regras, deveres, etc) que poderíamos utilizar para alcançarmos nossos fins e evitar o que consideramos como males. Mas mais que sobreviver, a teoria do erro moral de Mackie exige algo além da mera constatação da crença em valores objetivos para sua fundamentação se a independência metafísica dos valores não é aceita, e isso Dworkin não vê necessidade de tratar.

O cético então não precisaria abandonar todo e qualquer comprometimento moral, mas ele também não pode fundamentar a sua responsabilidade na coisa certa a ser feita, pois sua moral é construída, feita pelo próprio homem que lhe obedece, resta-lhe a opção de se comprometer com certas regras da mesma forma que os fora-da-lei e os ladrões do Locke, por adesão ao grupo, sentimentos morais, interesse próprio, etc. Além disso, o cético não elimina para si a possibilidade de crítica, contanto que essa crítica não faça referência a fatos morais, mas a inconsistências com as práticas de cooperação convencionadas pelas pessoas e às expectativas legítimas decorrentes dessas, ou à indesejabilidade (fática, não ideal) da manutenção de certas normas.

Entende-se que a importância de tal investigação é grande, tendo sido iniciada no estudo dos direitos humanos implicados pela teoria da justiça de Amartya Sen, que, devido ao seu comprometimento com a objetividade dos julgamentos morais, encontra no debate público amplo o método para tais avanços. Mas talvez a melhor defesa dos direitos humanos parta da tentativa de construção de direitos desejáveis e praticáveis pela clara compreensão de que sua autoridade não é devida à sua suposta objetividade, mas à aceitação por seus participantes.